Ano VII — Lisboa, Dezembro de 1951 — N.º 80

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

As canções escotistas

Ninguém põe em dúvida, pelo menos aqueles que alguma vez, mochila às costas, se embrenharam pelos montes, na maravilhosa aventura dos acampamentos, o valor estimulante de uma canção ou o cunho fantasioso que ela imprime às reuniões em volta da fogueira. Disso se apercebeu B.-P. que, no «*Scouting for Boys*», sugere com o seu jeito tão característico: «*Cante-se quando se marche, ou à guisa de aplauso nos exercícios, reuniões, etc.*».

Quando nos decidimos a ingressar nas fileiras escotistas, lembramo-nos — e já lá vão uns bons dezassete anos — de um propecto que pregoava as excelências do método escotista. Uma das coisas que mais nos deixaram embeiçados era a perspectativa dos misteriosos fogos de conselho. Como seria arrebatador viver umas horas nesse estranho ambiente, tal qual um apache nas imensas pradarias americanas! Como seria delicioso ouvir, no meio das sombras e da quietude dos bosques, as melodiosas canções dos escoteiros! Pois era este feiticismo do fogo de campo que, como dissemos, mais nos sugestionou a entrar para as fileiras do nosso movimento, e é com certeza o que atrai muito outros rapazes para o escotismo. É que o jovem ama tudo quanto seja invulgar, tudo quanto lhe cheire a aventura ou a exotismo, e, como tal, são estes os trunfos de que o escotismo se tem de servir para captar os seus sequazes. A prática dos fogos de campo rodeia-se de tanto simbolismo e de tantos encantos que organizações similares ao nosso movimento não têm esquecido de incluí-la nos seus programas.

Porém, devemos dizer, o escotismo português está tão confrangedoramente mal apetrechado que só dificilmente consegue corresponder às ilusões que cria nos jovens. As nossas canções escotistas, que são, por assim dizer, a coluna vertebral dos fogos de conselho, são, salvo algumas excepções, além de mal cantadas, de valor melódico bastante reduzido. Outras, de estafadas, aconteceu-lhes o mesmo que às canções que se popularizam: já não se podem ouvir. Quer dizer: o cancioneiro escotista quase não tem sido renovado, e muito menos enriquecido.

Durante o *Jamboree* da Paz e agora no da Áustria, foi-nos dado admirar as lindas canções dos escoteiros franceses. Numa excursão que fizemos aos lagos de Salzkammergut, em que tivemos por companheiros alguns camaradas daquela nação amiga, fomos deliciados, num ambiente verdadeiranente de sonho, com um completíssimo reportório de belas canções, magnificamente interpretadas. Os escoteiros portugueses, pobres deles!, só puderam repontar com uma insípida «Cantiga da Rua» e outras do mesmo jaez!...

As canções têm um papel preponderante nas actividades escotistas. São as companheiras indispensáveis nas tarefas enfadonhas, ou estimulantes poderosos nas longas e fatigantes jornadas. Quase toda a gente gosta de cantar; há mesmo necessidade de cantar. Os jovens, especialmente, sentem grande prazer em entoar estribilhos simples e alegres. Além disso, o canto é um processo simples de fazer com que todos tomem parte activa nas exibições. Ali há união e disciplina, portanto mais um elemento educativo em acção. Perante tal somatório de virtudes, não merecerá a pena modernizar com urgência o nosso reportório de canções e procurar que os nossos escoteiros atinjam um nível artístico razoável na sua interpretação?

Sabemos que alguma coisa se está a fazer com esta finalidade, e

(Conclui na 2.ª página)

NATAL DE 1951 • NATAL DE PAZ!

Dentro de alguns dias outra vez o tempo, na sua marcha cadenciada, vai trazer até nós o quadro maravilhoso do Natal, como a avivar-nos a memória de acontecimento tão faustoso.

A narrativa bíblica do advento messiânico, tão policrómica, apresenta-se algo contraditória aos olhos vesgos da Humanidade: porquê toda uma legião celestial a anunciar as novas de grande alegria *aos simples zagais de Belém, enquanto só uma estrela misteriosa a guiar, desde as planuras asiáticas, os misteriosos e sábios reis do Oriente? Que quebra nas formas protocolares!*

É que Jesus cumpriu os seus altos desígnios amparando-se sempre nas vidas singelas dos pobres que O seguiam; discípulos, apóstolos, enfim, toda a multidão dos que corriam a escutar a Palavra, quase todos vieram dessa massa anónima do povo, trabalhadores pobretanas uns, mendigos e estropiados outros, todos gente sem eira nem beira no conceito social de então.

Pois foi desses vasos grosseiros que nós, os Gentios, recebemos a magnificência da Mensagem Evangélica, a Doutrina por excelência, aquela que, séculos fora, havia de deixar traços indestrutíveis na História da Humanidade!

Grande dívida a dos simplices, a tão alto guindados no plano dos destinos do Homem! Com mérito?

(Conclui na 2.ª página)

O «SEMPRE PRONTO» expressa a todos os seus leitores e amigos os votos sinceros de um Natal muito feliz.

As canções escotistas

(Conclusão da 1.ª página)

todos os esforços neste sentido são de louvar. Não esqueçamos, porém, que os remédios caseiros são impotentes para as grandes enfermidades; como tal, para se atingir resultados razoáveis, são necessárias medidas eficientes e exequíveis. De contrário continuar-se-á a cantar mal e, na era da rádio e do cinema, em que hora a hora nos chegam aos ouvidos, nas vozes privilegiadas de artistas profissionais, melodias dos quatro cantos do mundo, seria estultícia embair-nos da ilusão de agradarmos a quem nos ouve, com canções desenxabidas e desafinadas. O «*Manuel de l'Eclaireur*» dos Éclaireurs Unionistes de France é peremptório neste assunto: «*É necessário cantar bem; de contrário melhor será estar calado*». É ridículo ser-se desajeitado no cantar, todos o sabem.

Pode o cancioneiro escotista ser enriquecido? Julgamos que sim. Sem falar nas variadas canções do nosso folclore que se podem aproveitar, cremos que alguns dos nossos grupos poderão conseguir novos números para o seu reportório, por intermédio de compositores e poetas amigos do nosso movimento. Há ainda o recurso de se adaptar, como aliás já se tem feito entre nós, as canções mais interessantes ou mais pitorescas de outros países. Se todas as unidades escotistas envidarem os seus esforços neste sentido, alguma coisa decerto se conseguirá.

Uma canção escotista é por vezes um milagre. Dá alento nos momentos de depressão; une todos nas horas de alegria. «*Se a patrulha tem de fazer um trabalho duro,* — diz o conhecido dirigente escotista W. Hillcourt, — *verá que uma boa canção a ajudará a andar para a frente. O serviço será feito mais depressa e os rapazes esquecerão o incómodo da tarefa*». Ainda no último *Jamboree*, quando, depois de uma boa chuvada, todo o interior da nossa tenda se encontrava encharcado, alguns camaradas ingleses ofereceram-nos o seu fogo para secarmos os nossos cobertores. A tarefa era evidentemente lenta e fastidiosa. Pois aqueles nossos amigos, enquanto durou a secagem, entretiveram-se e e entretiveram-nos com um sem número de maravilhosas canções escotistas.

O escoteiro sorri e assobia perante as dificuldades. Mas, ao menos, que saiba assobiar com consonância um trinado alegre e optimista, sem o que certamente soçobrará.

Há uma longa caminhada a percorrer até atingirmos aquela eficiência que desejamos para o nosso Escotismo. Se soubermos dotá-lo com cânticos que satisfaçam o entusiasmo dos nossos rapazes, que os aperfeiçoem e dinamizem, teremos insuflado nas fileiras escotistas um sopro de vitalidade, que será um passo firme para alcançarmos os nossos objectivos.

JOEL RIBEIRO

NATAL DE 1951 • NATAL DE PAZ!

(*Conclusão da 1.ª página*)

sem mérito? É claro que nenhum deles, nem outros quaisquer, teve jus a tanta glória. Se O acompanharam, cidade em cidade, nos dias ditosos do Seu ministério; na agonia cruciante da Cruz, o Meste achou-se só, desamparado. Nem mesmo os felizes a quem Ele sarara as feridas, mitigara a fome ou despedira demónios, nem esses lá estavam. Onde se teriam refugiado? Em suas casas, desanimados, como os da estrada de Emaús, ou, amnésicos e loucos, confundiram-se com os que vociferavam por Barrabás? Nada sabemos; o certo é que, nas horas desoladoras da Paixão, foi colectivo o abandono de Jesus.

Importa destacar, contudo, o amor que o Salvador dedicava a esses humildes. «Digo-vos que muitos profetas e reis desejaram ver o que vós vedes e não viram», *afirma em certa ocasião aos seus discípulos. É inequívoca, pois, a preferência de Jesus pelos humildes, pormenor que não devemos perder de vista. Se nós, em vez de acotovelar-nos tentando sobrepujar o nosso semelhante, procurarmos humildar-nos, tornar-nos como crianças, seremos tocados pela mesma euforia que os pastores de Belém sentiram. O favor de Deus continua a impender sobre os que se fazem pequeninos, sobre os que se acham compenetrados da sua miséria espiritual.*

A mensagem dos anjos é das mais belas que podemos escutar. Encerra a nova de mais regozijo que foi dado ouvir ao Homem sobre a Terra. Seja ela, no declinar de 1951, a voz dominante que atravesse os continentes, cruze os mares, se eleve aos céus, num esplendor de alegria, de paz e boa vontade entre os Homens!

J. R.

• • o • •

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Os nossos contos

CONSOADA INESPERADA

Há um século numa tarde fria e nevoenta duma véspera de Natal, um velhinho alto, apoiado numa bengala muito gasta, seguia com dificuldade por uma rua de Paris.

A sua roupa, insuficiente para o resguardar da nortada que soprava de rijo, compunha-se apenas duma sobrecasaca já muito coçada, abotoada até ao pescoço, e dumas calças de verão, que o vento colava às pernas magritas do pobre ancião. Um chapéu de aba larga, enterrado na cabeça, deixava apenas ver uma cabeleira branca que lhe caía pelos ombros e uma barba de neve que o ajudava a resguardar-se do frio.

Debaixo do braço, o pobre velho trazia um objecto comprido embrulhado num lenço já gasto. Atravessou uma das muitas pontes de Paris e chegou ao grande jardim dos Campos Elísios, que só conseguiu atravessar depois de descansar algumas vezes.

Chegado a uma das longas avenidas da grande cidade, talvez estimulado pelo aroma das muitas e boas iguarias que os grandes restaurantes preparavam para a ceia dos seus fregueses, o pobre velhinho, tiritando de frio e fome, abriu o embrulho que trazia debaixo do braço e sacou um velho violino. Encostou a bengala a uma porta, diante da qual passava muita gente, e começou a tirar do instrumento uma melopeia tão triste e tão desafinada, que uns garotitos que o tinham cercado deitaram a correr dizendo que parecia que o violinista queria chamar a chuva para a consoada! Um cão que passava começou a ladrar e alguns dos transeuntes taparam os ouvidos e apressaram o passo.

Desanimado, o infeliz tocador sentou-se no degrau da porta, pousou o instrumento nos joelhos e com um profundo soluço, exclamou:

— Meu Deus! Já não posso tocar mais!

Neste momento, três rapazes, cantarolando, passavam pelo mesmo passeio e, descuidados, tropeçaram no pobre velho, deitando-lhe ao chão o chapéu que ele tinha sobre o violino.

—Perdão, senhor. Magoámo-lo?

— Não, não! — disse o ancião num tom dolorido, pegando no chapéu que um dos três apanhara do chão.

Neste momento um outro dos três repara no violino e pergunta:

(Conclui na 3.ª página)

Os nossos contos

(*Conclusão da 2.ª página*)

— O senhor é músico?

— Já fui, já, mas agora... — respondeu o pobrezinho soluçando.

— Que tem? Podemos ajudá-lo?

O velhinho estendeu-lhes humildemente o chapéu e disse-lhes:

— Dêem uma esmola! Já não posso tocar mais! Tenho os dedos regelados de frio e uma filha minha está em casa a morrer de queixa de peito e eu não tenho nada que lhe dar neste dia de consoada!

Havia tanta dor nas palavras do velhinho que os três rapazes ficaram profundamente comovidos. Meteram as mãos nos bolsos e deitaram tudo quanto tinham no chapéu, mas tudo isso não passava de dezasseis soldos, uma coisa como dúzia e meia de tostões.

O rapaz, que tinha sido o primeiro a falar, lembrou com entusiasmo:

— Vamos nós fazer aqui um concerto para ajudar este camarada?! Tu, Adolfo, tocas violino, Gustavo canta e eu peço a esmola.

Foi dito e feito. O Adolfo principiou com nada menos que a peça que tinha estudado para o último concurso, o *Carnaval de Veneza*. Os transeuntes paravam; as janelas principiaram a abrir-se. Fez-se o peditório e o chapéu encheu-se de moedas, principalmente de prata.

Um pequeno espaço de descanso e logo sai a ordem:

— Agora tu, Gustavo!

E o Gustavo sai-se com uma linda canção que de toda a parte arrancou um *bis*.

Outro compasso de descanso e nova ordem:

— Agora vamos os três cantar o trio de *Guilherme Tell*.

Como se acabassem de fazer para isso um ensaio especial, os três preparam-se para deliciar os ouvintes, que agora eram uma multidão.

O bom velhinho, como se estivesse absorto num sonho, conservara-se impassível. Ao ouvir, porém, o nome da ópera *Guilherme Tell*, levanta-se, pega na sua bengala e, como se tivesse rejuvenescido, rege com toda a maestria os três executantes.

A multidão estava extasiada. No fim os bravos saíam de todos os lados. A colecta excedeu toda a espectativa.

O velhinho desperto, compreendendo a bênção que Deus lhe mandara por aqueles três rapazes, perguntou-lhes os nomes e eles responderam, rindo de satisfação:

— Somos a fé, a esperança e a caridade!

— Se não me quereis dizer os vossos nomes, permiti que eu vos diga o meu: Chamo-me Chapner e fui durante dez anos chefe de orquestra na ópera de Estrasburgo. Fui eu quem ensaiou o *Guilherme Tell*. Em Paris a doença levou-me à miséria. Vós salvastes-me a vida. Com este dinheiro vou levar a minha filha para Estrasburgo, sua terra natal; — é quase certo que os ares pátrios lhes restituirão a saúde. Deus vos abençoe pelo bem que me fizestes nesta véspera de Natal. Tinha perdido a esperança de poder consoar qualquer coisa com a minha filha e vós tiraste-me da miséria! Deus vos abençoe!

— Assim seja! E que Deus abençoe também o auxílio que conseguimos para vós! — disseram os três quase em coro, indo acompanhar o velhinho até perto de sua casa.

Deus ouviu as orações de todos os quatro. O velhinho pôde ter naquela noite, inesperadamente, uma consoada alegre, e a filha veio a melhorar na sua terra natal, tudo graças à caridade daqueles rapazes.

Os três alunos do Conservatório tornaram-se grandes notabilidades musicais. Um dos três era o grande Gounod, que foi um dos maiores compositores musicais da Escola Francesa.

E com que satisfação não lembrariam sempre todos aquela véspera de Natal!

Do «*Amigo da Infância*»

Vamos construir um copiógrafo e publicar um pequeno jornal

(*Conclusão da 4.ª página*)

VERMELHA

Fucsina	10	partes
Álcool	10	»
Glicerina	10	»
Água	50	»

PÚRPURA

Violeta de metilo	8	partes
Álcool	2	»
Açúcar	1	»
Glicerina	4	»
Água	24	»

Dissolva-se o violeta de metilo no álcool, misturado com a glicerina; dissolva-se o açúcar, e misturem-se as duas soluções.

VERDE

Anilina verde (solúvel na água)	15	partes
Glicerina	10	»
Água	50	»
Álcool	10	»

O JORNAL

O original para o nosso jornalzinho é escrito sobre papel branco com um aparo novo. Pode usar-se papel com linhas porque estas não passam ao copiógrafo.

Nunca se usa o mata-borrão. Deixa-se a tinta secar naturalmente. Se houver um desenhador na patrulha, podem fazer-se iluminuras, desenhos, croquis, escrever os títulos a cor e tipo diferentes dos textos, numa palavra, empregar no trabalho todo o gosto artístico de que a Patrulha for capaz.

Também se pode usar a máquina de escrever **com fita de cópia** ou utilizar um papel químico de cópia próprio para este fim. Nesse caso seria a cópia a químico utilizada.

Pronto o original, antes de o colocar na almofada do copiógrafo, humedece-se este com um pano molhado, pano e água muito limpos. Coloca-se depois a face escrita do original contra a almofada, de forma que este adira bem, segurando-o com cuidado para que se não desloque. Coloca-se outra folha nas costas e comprime-se durante cinco minutos. Retira-se depois com cuidado para não borrar.

Podemos, então, começar a imprimir o jornalzinho. O papel a empregar não deve ser o conhecido papel de copiógrafo, mas um papel liso e brilhante.

Humedeça-se este entre duas folhas de mata-borrão e coloque-se sobre a almofada. As primeiras cópias aperte-se ligeiramente e aumente-se a pressão à medida que se forem tirando cópias até que chegue a um ponto que já não dê suficiente nitidez.

Terminado o trabalho limpe-se a almofada com uma esponja embebida em água tépida e o copiógrafo está pronto para nova tarefa ou para receber a impressão de outra página do teu jornal.

Qual será a patrulha que primeiro vai publicar o seu jornal? O «*Sempre Pronto*» fica à espera desse acontecimento e reproduzirá a primeira página desse seu novo e primeiro colega da imprensa escotista. Ficamos à espera!

Uma ideia para a tua Patrulha...

Vamos construir um copiógrafo e publicar um pequeno jornal

A Patrulha, se é uma boa patrulha, deve ter vida, acção e constantes empreendimentos. Cada escoteiro deve trazer sugestões ao Conselho para novas iniciativas e actividades. Só assim a Patrulha poderá brilhar e levantar briosamente o seu totem entre as outras patrulhas do grupo ou da região.

Eis aqui uma ideia formidável, capaz de imprimir uma nova vida à tua Patrulha: — Um jornalzinho! Sim, um jornal, mesmo, com desenhos, histórias, artigos, canções, tudo feito pelos rapazes da tua Patrulha e impresso a cores!

A CONSTRUÇÃO DO COPIÓGRAFO

A primeira coisa a fazer é um taboleiro de madeira ou folha no formato do jornal que se deseja. De madeira é mais fácil e serve perfeitamente. Não precisa de ter muita altura. Bastam 1,5 ou 2 cm. Convém que a madeira esteja bem trabalhada e o fundo plano.

Precisamos agora de preparar a almofada que irá encher esse taboleiro e que servirá para imprimir e reproduzir o texto.

Se escolheste o formato de uma folha de papel de carta (1/4 comercial) serão suficientes as seguintes quantidades destes artigos:

Glicerina	340 gramas
Gelatina (cola seca)	57 »
Açúcar	57 »
Água	212 »

Colocas a gelatina de molho na quantidade de água indicada e deixas ficar durante uma noite, tendo o cuidado de verificar se a gelatina ficou toda coberta pela água.

No outro dia aqueces a água e a gelatina a banho-maria, com fogo brando, até que se tenha dissolvido por completo. Juntas-lhe então a glicerina e o açúcar e ferves a mistura durante algum tempo, deixando evaporar um pouco de água.

Com uma colher tiras um pouco da mistura, deixas arrefecer, e verificas se a massa tem consistência e se é um pouco elástica. Se isso acontecer está pronta, retiras a vasilha do lume e despejas cuidadosamente dentro do teu taboleiro, agitando bem e sacudindo para que a massa se estenda bem por todo o taboleiro e não fique qualquer bolha de ar. Se, mesmo com todos estes cuidados, surgir alguma bolha, deves tirá-la com um ponteiro de papel para que a almofada fique completamente lisa.

Feito isto, colocas o taboleiro em repouso, num sítio fresco e horizontal, durante um mínimo de 5 horas. Está pronto o teu copiógrafo.

Há massas com outras composições, com resultados idênticos, mas esta é simples e fácil de obter.

A TINTA PARA O JORNAL

O outro problema a seguir é o da tinta. Não serve uma tinta qualquer. É necessário adquirir numa boa papelaria tinta de cópia para este efeito. Convém indicar o fim a que se destina.

Pode-se utilizar ao mesmo tempo diversas cores. Púrpura (a melhor), verde (também muito boa), preta, azul, roxa, etc. Empregando mais de uma cor mais beleza dará ao trabalho.

Também podemos fabricar as tintas. Eis aqui algumas fórmulas:

AZUL

Ressorcina azul	10 partes
Ácido acético diluído	1 »
Água	8,5 »
Glicerina	4 »
Álcool	10 »

Dissolvido a quente

PRETA

Violeta de metilo	10 partes
Nigrosin (anilina negra)	20 »
Glicerina	30 »
Goma arábica	5 »
Álcool	60 »

(Conclui na 3.ª página)

O Grupo n.º 60 do Corpo Nacional de Escutas

comemorou o seu 25.º aniversário

Este antigo grupo de escutas comemorou no passado dia 11 de Novembro o 25.º aniversário da sua fundação com uma sessão solene que se efectuou na sede da Acção Católica.

Foi orador o Sr. Dr. José Vieira da Cruz, antigo Comissário na Madeira, que exortou os escoteiros ao cumprimento da Lei Escotista.

Os escutas apresentaram recitativos e foi exibido um filme escotista.

O «*Sempre Pronto*» agradece o convite que lhe foi enviado e felicita o Grupo 60 pelo seu aniversário.

Dos Amigos do "Sempre Pronto„

De Viagem — Em Outubro último regressou da sua viagem a S. Tomé e Angola o Rev. Joaquim Rosa Baptista, Presidente da Direcção do Grupo n.º 94 e dedicado amigo do nosso jornal.

● O nosso estimado Amigo E. C. Albano da Silva esteve recentemente em Madrid tendo oportunidade de entrar em contacto com antigos escoteiros espanhois, de quem trouxe saudações para o nosso jornal e boas impressões do seu espírito escotista.

● **Doente** — O nosso estimado colaborador, Sr. Ernesto Clímaco do Nascimento, tem estado retido no leito com um forte ataque de gripe, de que se encontra quase restabelecido.

CARTÕES DE BOAS-FESTAS

Interessante edição original, com duas gravuras escotistas inéditas:

Cada exemplar	1$00

Preços especiais para quantidades:

25 exemplares	15$00
50 »	27$50
100 »	45$00

Edições Inglesas:

Postais ilustrados	1$50

Cartões de Boas-Festas a cores, desde 3$00 a 5$00.

Pedidos à Redacção do «Sempre Pronto».

Pelo correio acresce o porte.

Carlos Fernando Garcia

Este nosso camarada de redacção, restabelecido da doença que o acometeu, retomou a sua actividade profissional, motivo por que sinceramente o felicitamos.

As directrizes e os projectos dos actuais dirigentes escotistas

(Conclusão da 8.ª página)

pela solicitude dos dois membros da direcção da A. E. P., agradecemos todas as atenções recebidas e retirámo-nos.

Estamos convencidos que o depoimento dos dois dirigentes associativos vai provocar alvoroço no meio escotista. É necessário agora que cada qual compreenda o papel que lhe compete desempenhar para que o que acima está delineado, possa tornar-se, a seu tempo, uma realidade, de que o Escotismo português muito beneficiará. São estes os nossos votos e decerto de todos aqueles que militam nas fileiras escotistas.

JOEL RIBEIRO

As directrizes e os projectos dos actuais dirigentes associativos

— Aproveitando a reunião da Conferência de Dirigentes, possìvelmente no próximo Verão, esperamos realizar um grande acampamento da Região Centro, onde talvez tomem parte alguns escoteiros ingleses — declara o escoteiro-chefe geral, Sr. Eng.º Nobre Santos.

Em qualquer instituição onde, por força das circunstâncias, os seus destinos são entregues nas mãos de novos timoneiros, essa mudança não só de indivíduos, mas implicitamente de processos, suscita uma onda de curiosidade entre aqueles que, como membros dessa instituição, vão ficar sujeitos às directrizes do novo elenco. Que se irá passar agora? que pensam fazer os novos dirigentes? eis algumas das perguntas que tal acontecimento provoca.

É natural que nos meios escotistas se viva há meses neste estado de espírito. A actual direcção da A. E. P. pouco tem dito até agora sobre o que projecta fazer, dos seus planos, enfim, do que pensa do futuro da nossa Associação. Foi com o objectivo de satisfazer essa curiosidade dos nossos leitores e escoteiros que nos levou a correrm-os à sede central para nos inteirarmos desses projectos. Em boa hora o fizemos; recebidos pelo Sr. Eng.º Nobre Santos, chefe geral desempenhando funções de presidente, e pelo Sr. Amadeu Martins, tesoureiro geral, puseram-se imediatamente à nossa disposição para nos darem todas as informações precisas.

— Antes de mais nada, — disse-nos o Sr. Eng.º Nobre Santos, quando lhe dissemos ao que íamos, — devo dizer que, por feitio próprio e norma de conduta, prefiro a realização dos trabalhos devidamente estudados e planificados, às falácias e programações vistosas, Os componentes desta direcção têm ideias, umas vagas outras mais concretas, sobre o que há a fazer, algumas das quais já fazem parte de normas assentes, é claro que no seu aspecto preliminar. Se ainda as não demos a conhecer, foi por não acharmos isso oportuno...

— Porém, — observámos, — não vai deixar de satisfazer agora a curiosidade dos nossos leitores, não é verdade?

— Decerto que não. No entanto, é bom que ponha lá no jornal que o trabalho a fazer não será só nosso, mas sim de todos: — dos presentes, isto é, daqueles que se nos juntarem, e até dos ausentes. Especialmente no caso de instituições como a nossa, as direcções não têm senão um papel coordenador e orientador, o que já não é pouco. Todavia, o Escotismo é feito nos grupos. Para já, podemos declarar que alguma coisa já se fez no aspecto burocrático e o aperfeiçoamento continuará. É preciso é que continuem a aparecer elementos dedicados. Aqui faço o apelo...

E como o introito já ia longo, o presidente da direcção dispôs-se finalmente a responder à nossa primeira pergunta:

O preenchimento dos lugares vagos no elenco directivo é uma das primeiras resoluções que a Direcção vai tomar.

— Quer saber então, — disse o nosso interlocutor, — que é que a direcção pensa fazer em primeiro lugar, não é verdade? Pois o que pensamos levar a efeito o mais breve possível é o preenchimento dos lugares acumulados da direcção e de outros dos vários serviços associativos. É esta uma das necessidades que consideramos mais urgentes. Há muito que fazer, portanto, não podemos prescindir da colaboração de ninguém, para que o trabalho possa ser dividido por todos...

Dando provas do entendimento que existe entre os membros da direcção, o Sr. Amadeu Martins fazia de vez em quando as suas declarações, ora corroborando as afirmações já feitas, ora emitindo as suas opiniões ou completando as informações que iam sendo transmitidas. Agora, aproveitando uma pausa do Sr. Eng.º Nobre Santos, é ele que nos diz:

— Simultâneamente os Serviços Centrais vão procurar regular o problema financeiro. Para isso, pretendemos aumentar as nossas receitas ordinárias, isto é, as receitas provenientes das quotizações dos sócios auxiliares, para assim ficarmos em condições de suprir as nossas despesas normais...

— Note bem, — atalhou o chefe geral, — *para suprirmos as nossas despesas normais*. Estou convencido de que os nossos réditos não poderão atingir um nível que nos permita com eles atender às despesas extraordinárias, motivo por que havemos de continuar a lançar mão dos processos até agora adoptados.

E o Sr. Amadeu Martins esclarece:

— Começámos há pouco a enviar a empresas diversas, amigos e outras pessoas, uma circular para a obtenção de sócios auxiliares. Apesar de a campanha estar, por assim dizer, no seu início, os resultados são bastante auspiciosos: os cofres associativos contam já com mais umas quatro centenas de escudos anuais...

— Sim, — concordámos — são francamente animadores os resultados conseguidos...

O Sr. Eng.º Nobre Santos tomou novamente a palavra:

— Uma coisa que também vamos tentar resolver é a questão do nível do escotismo praticado nalguns dos nossos grupos que, como sabe, deixa muito a desejar. Este problema está, contudo, dependente da formação de chefes, que, como adiante há-de saber, pensamos tratar na devida altura. Porém, o trabalho em que presentemente estamos empenhados — e muito do que vamos falar já pertence ao capítulo das realidades — é o da reforma do Regulamento Geral da A. E. P.

A Direcção está trabalhando com afinco nos trabalhos preparativos da reforma do regulamento geral da Associação.

E retirando duma pasta um *dossier* volumoso que nos apresenta, prossegue:

— Neste volume estão compiladas todas as determinações emitidas pelos Serviços Centrais que se encontravam espalhadas por circulares, ordens de serviço, boletins, oficiais, regulamentos, estatutos, etc. Esta primeira fase de trabalhos, já concluída, deve-se ao nosso tesoureiro geral. Presentemente a direcção está a rever todas essas determinações, estudo que constitui a segunda fase destes trabalhos, aproveitando tudo o que disso for digno e pondo de parte aquilo que não valha a pena considerar. Grande parte deste trabalho está já feito.

— Nesse caso o novo Regulamento vai ser uma realidade dentro de algum tempo, não é verdade? — perguntámos, interessados.

— Ainda é cedo para se poder dizer isso com propriedade, — retorquiu, sempre cauteloso, o nosso entrevistado — Depois, como lhe estava dizendo, com o que aproveitarmos dessa selecção e com tu-

(Continua na 8.ª página)

O "POW-WOW,, DO VELHO LOBO

7.ª PALESTRA

Meus Irmãos:

Noutros tempos, quando havia reis na nossa terra, viviam eles no seu Paço. E era então costume chamar a esse Paço e aos que nele viviam a CORTE. Seria ocioso e impertinente explicar-vos, meus rapazes, a razão por que se chegou do latim *cohortem* ao português *corte*, embora fosse curiosíssimo seguir a vária fortuna dessa palavra, oriunda de *cohors*, ou seja «coorte», palavra que já deveis conhecer da vossa história, pois era o nome que se dava em Roma ao conjunto de seis centúrias, portanto de 600 soldados de Infantaria; ela equivalia, mais ou menos, ao actual regimento.

O facto, porém, é que, sendo a Corte o local em que vivia o rei, forçoso era que fosse aí que brilhassem em todo o seu requinte as boas maneiras, aquele conjunto de qualidades a que, precisamente por se supor que dimanem das Cortes, se chama CORTESIA. Com efeito, ser *cortês* é ter maneiras ou hábitos próprios da *Corte*. E embora só em tempos modernos as Cortes se tornassem, de facto, o centro irradiante da cortesia, da gentileza, da correcção, de tudo enfim que se supõe próprio das pessoas bem nascidas, a verdade é que já na Idade Média era nas Cortes que iam educar-se os jovens pagens antes de virem um dia a empunhar a lança, a embraçar o escudo ou a brandir a espada, em defesa da Verdade e da Justiça, quando não era em defesa de Deus e da Religião.

A CORTESIA era a qualidade distintiva, característica dos antigos cavaleiros, e numerosas são as histórias que nos relatam exemplos edificantes de cortesia dados por nobres e plebeus no decurso dos séculos. Sendo o Escotismo a Cavalaria do nosso tempo, não é de estranhar que B.-P. incluísse na Lei a cortesia como qualidade a aperfeiçoar por parte dos Escoteiros. Efectivamente a 5.ª Lei diz:

O ESCOTEIRO É CORTÊS

E acrescenta:

> *«Isto é, é delicado com toda a gente — mas especialmente com as mulheres e as crianças, os velhos e os inválidos, paralíticos, etc. E não deve receber qualquer recompensa por ser obsequioso ou cortês».*

Meus rapazes: Os nossos tempos são bem tristes, se os compararmos aos de há 30 ou 40 anos. Eu bem sei que os velhos acham sempre o seu tempo de moços o melhor, mostrando-se normalmente incompatibilizados com os hábitos e maneiras da gente nova. A verdade, porém, é que a juventude de hoje está a ser educada dentro de tal ambiente de rudeza e de grossaria, que eu receio bem, meus Irmãos, que, breves anos andados, tenha desaparecido de vez a flor rara da bondade cujo perfume é a cortesia, a delicadeza, a gentileza de modos e maneiras, a que tão grande culto se prestava no passado e que foi elevada aos maiores requintes no século XVIII.

Eu posso parecer-vos às vezes um velho caturra, incompatibilizado com o seu meio e o seu tempo. Ocasiões há, meus rapazes, que de facto me julgo assim mesmo. Mas, olhai: que diríeis vós se, tendo vindo ao mundo no dealbar deste século, fôsseis educados desde muito novos a cumprir um certo número de pequeninas formalidades, que contribuíssem para limar as arestas sociais, habituando-vos à cortesia, à delicadeza de maneiras, de actos e de palavras, e, em plena maturidade, visseis surgir uma aluvião de rapazes e de raparigas a servir-se duma linguagem pior que a de caserna, a vê-los numa promiscuidade de viela, a falar uns com os outros como arreeiros, e a procederem na vida como tal em todas as emergências? Naturalmente as vossas reacções seriam as mesmas que as minhas perante estas «conquistas» do século XX.

Vejamos primeiro, meus rapazes, alguns princípios que me parece vós, como Escoteiros, deveis ter presentes, muito mais do que ninguém, sem vos importardes que a chamada sociedade «bem» vos acoime de «possidónios», de «botas de elástico» ou de outras amabilidades de que tal sociedade detém o privilégio... Os ditames da consciência obedecem aos imperativos desta: jamais a modas. E desde que o vosso exemplo seja constante e permanente, em todas as emergências, acabará por influir nos outros e insensìvelmente corrigir os que não curam desses pormenores «insignificantes».

Assim:

Em casa — respeitai vossos pais, ouvi-os sempre com atenção concentrada, não façais qualquer observação enquanto falam, e, se tiverdes de fazê-la, pedi licença para expor a vossa opinião, com respeito, mas sem rigidez, naturalmente, sem fazerdes gestos ofensivos, como o simples encolher de ombros, tão natural entre os que não possuem sólida educação e formação moral. Obedecei prontamente às ordens que vos derem, sede pontuais às chamadas, não brigueis com vossos irmãos, principalmente se forem mais novos, nunca se forem raparigas. Tratai os vossos criados com afabilidade. Se tiverdes de os repreender, fazei-o sem os vexardes, lembrando-vos da sua triste condição de terem de servir outros, deixando as suas casas, para poderem ganhar a vida. Sede cuidadosos convosco e com as vossas coisas, tendo sempre um lugar para cada uma e cada uma no seu lugar. Sede metódicos e não saiais sem terdes a certeza de que tudo quanto vos pertence está no lugar próprio. Evitai deitar papéis no chão; se virdes algum, apanhai-o discretamente.

À mesa — sentai-vos só depois de vossos pais se sentarem, e não comeceis a comer sem vosso pai (ou vossa mãe, na falta dele) ter começado. Esperai que o criado vos sirva. Se não tiverdes criado, aguardai a vossa vez e fazei-o com discrição, sem mostrardes ânsia de comer e sem revelardes apetite despropositado. Lembrai-vos de que estas coisas aprendidas em casa a tempo e horas, tornam-se naturais com o decorrer do tempo, evitando esses constrangimentos ridículos dos que em público querem parecer educados sem o terem prèviamente sido. É à mesa que, de facto, se revela melhor a educação de uma pessoa.

Na conversa — evitai intrometer-vos quando outros estão a falar. Se tiverdes de nela intervir, fazei-o sem dardes a impressão de serdes intruso. Tudo isto requer certa força de vontade, que deve ser absolutamente normal num Escoteiro. Evitai falar demasiado alto com os vossos interlocutores e não façais como certa gente grosseira que, ao falar, constantemente bate nas pernas ou nos braços das pessoas que lhe estão vizinhas, Quando falardes, olhai de frente as pessoas a quem vos dirigis, mas de modo natural, sem as fixardes demasiado, que se tornaria ofensivo. Quando se vos dirigirem, escutai atentamente, ainda que a conversa vos não interesse. Um certo treino na difícil arte de conversar ensinar-vos-á a saber, discretamente, desviar a conversação de assuntos importunos, desa-

(Continua na 7.ª página)

O «POW-WOW» DO VELHO LOBO

7.ª PALESTRA

(*Continuação da 6.ª página*)

gradáveis ou ridículos para outros mais dignos de interesse. Uma coisa importante a ter em consideração na conversa, é evitar o emprego de estribilhos e frases-bordões, de que usam geralmente os mal-educados por exemplo, «não sei se me faço perceber», «não sei se já viram», «não sei se já ouviram falar», e outras de tal jaez. A conversa deve decorrer naturalmente, e para se lhe aprenderem as difíceis regras é de toda a utilidade assistir às boas representações teatrais em que as peças sejam de bons autores modernos e desempenhadas por bons actores.

Na rua — caminhai de preferência pela beira do passeio, dando o lado de dentro a quem venha em sentido contrário. Se tiverdes de atravessar a rua, fazei-o nos lugares naturalmente indicados para isso, e nas cidades onde houver sinaleiros de trânsito, obedecei pronta e correctamente às suas ordens, quer para pararde, quer para avançardes. Sempre que possível, vede se alguém carece do vosso auxílio, especialmente crianças e gente idosa, que em geral se enervam quando têm de cruzar o pavimento atravessado pelos carros. Encontrando conhecidos, não vos espequeis no meio dos passeios, impedindo o trânsito; deveis de preferência fazê-lo à beira do passeio e nunca nos lugares de paragem de veículos, eléctricos ou autocarros. Evitai olhar para trás quando andardes: independentemente do mau efeito que isso provoca, há sempre o perigo de vos esbarrardes com quem vos não veja ou mesmo de tropeçardes ou de vos magoardes por qualquer forma. Tendo de olhar em sentido contrário ao da marcha, parai e voltai-vos resolutamente para verdes aquilo que quereis. Tendo de pedir qualquer informação, dirigi-vos a um polícia. Fazei-o em termos delicados, cumprimentando-o antes e depois, para o que basta, neste caso, um «muito obrigado» discreto. Se vos pedirem uma informação, tirai o chapéu ou, se seguirdes em cabelo, baixai de leve a cabeça, e, de uniforme, fazei a saudação escotista, o que repetireis quando seguirdes avante. Acompanhando senhoras, dai-lhes a direita sempre, salvo quando esta for o lado de fora do passeio. Entrando num estabelecimento ou num teatro, ou ainda num carro eléctrico, ou num autocarro, subi depois das senhoras; à chegada, porém, deveis descer primeiro para as ajudardes a saír do veículo. Não faleis alto e jamais riais às gargalhadas, pelo efeito grosseiro que isso produz. Se alguém deixar cair inadvertidamente um objecto, correi a apanhá-lo. Se a pessoa não agradecer, não vos enfadeis: nem toda a gente, infelizmente, compreende um acto de delicadeza, tão rara ela vai sendo nos dias de hoje. Não empurreis ninguém e sobretudo evitai atropelar quem vai à vossa frente: tendo de o ultrapassar, fazei-o comedidamente, evitando chamar sobre vós as atenções. Se vos empurrarem deixai passar os importunos: há pessoas que, por muito correrem, chegam sempre tarde...

Nos carros — havendo ajuntamento, deixai passar os apressados. Entrando, tendo o cuidado de não pisar ninguém, apressando-vos a pedir desculpa se o tiverdes feitos inadvertidamente. Não cuspais no chão nem deiteis papéis no chão. Sentai-vos correctamente e evitai fitar os que vão à vossa frente sentados ou em sentido contrário. Entrando senhoras, crianças ou pessoas idosas, apressai-vos a ceder-lhes o vosso lugar; não imiteis os que se desculpam com dizer que não fazem isso, porque a maior parte das pessoas não agradecem. As acções praticam-se por imperativo de consciência e nunca com o intuito de que no-las agradeçam. Deveis mostrar que sois rapazes de coração e não meros actores ensaiados para representardes um papel social.

Ao saír do carro fazei-o com as mesmas cautelas da entrada e o mais discretamente possível.

Em público — sede obsequiosos, sem parecerdes demasiadamente serviçais. Falai comedidamente, em voz pausada, evitando os termos rebuscados ou os demasiado grosseiros. Não murmureis de outrem e não procureis saber o que se diz acerca de A, B ou C: a vida alheia deve interessar-nos apenas quando pode servir de exemplo ou paradigma das mais belas virtudes morais. Não tomeis atitudes de demasiada familiaridade, senão quando entre amigos íntimos; ainda assim, mesmo neste caso, há que evitar grossarias como pôr os pés em cima das mesas, sentar-se nas cadeiras a modo de quem cavalga, sentar-se nos braços das poltronas, estender-se nos sofás, excepto para repousar de profunda fadiga, etc. E falando com os amigos ou os camaradas, bani do vosso vocabulário os termos grosseiros ou reles, os termos de calão, as construções estrangeiradas, tanto do gosto da mocidade de hoje.

Lembrai-vos, meus rapazes, de que tudo quanto é grosseiro deve ser repelente, e que na vida há que sacrificar muito do nosso legítimo conforto para que outros o possam ter. Um Escoteiro deve ser como aquele Kim de que já vos falei, «o amiguinho de toda a gente». Mas deve sê-lo em todas as circunstâncias, mesmo quando se encontra a sós consigo. Todos reconhecemos que o Mundo atravessa uma era de

(*Conclui na 8.ª página*)


Esta figura, a que chamam cavalo voador, cavalo alado ou Pégaso, é não só o emblema
DA
SOCONY-VACUUM
MAS TAMBEM A MARCA REGISTADA
DO
Mobiloil
O LUBRIFICANTE PARA AUTOMOVEIS QUE MAIS SE VENDE NO MUNDO.
2441

As directrizes e os projectos dos actuais dirigentes escotistas

(Continuação da 5.ª página)

do aquilo que for necessário acrescentar para completar essas normas, elaboremos o projecto do Regulamento, projecto esse que será posto a circular em grande escala pelos elementos que compõem a Conferência de Dirigentes, para ser estudado e criticado por todos...

E o Sr. Amadeu Martins completa a explicação:

— É que esta direcção quer que todos colaborem na factura de tão importante documento. Assim, fixará um prazo, dentro do qual esses dirigentes deverão enviar-nos as suas apreciações, críticas ou sugestões, as quais serão apensas ao projecto do Regulamento para serem devidamente consideradas na reunião da Conferência de Dirigentes, que será especialmente convocada para a sua aprovação.

— É de louvar o espírito que a direcção revela nas suas atitudes. — dissemos nós, elogiando a forma como se procura resolver um dos problemas que há tanto tempo fazia sentir a necessidade de solução.

O Sr. Eng.º Nobre Santos tomou novamente a palavra para nos dar mais informações sobre tão interessante assunto:

—A título de curiosidade, devo dizer que o novo Regulamento foge um tanto às normas seguidas no Regulamento actual e no anterior. Essas alterações recaíram mais sobre a arrumação dos assuntos do que pròpriamente na sua essência. Procura-se descer, tanto quanto possível, a pormenores, para que não se verifiquem lacunas que tornem a interpretação deste documento ambígua. Para a consecução do que lhe acabo de expor, temos tomado como base não só as directrizes existentes, como também os ensinamentos da nossa própria experiência colhida através dos anos passados nas lides escotistas e ainda a experiência dos outros países, que os contactos que ùltimamente tenho tido com os dirigentes estrangeiros, muito me têm ajudado a conhecer. Durante a minha ida a a Inglaterra, por ocasião do Acampamento Internacional de Patrulhas, em que os nossos rapazes estiveram presentes, fiz várias visitas ao Quartel General da «The Boy Scouts Association» com o propósito de tomar conhecimento da organização dalguns dos seus serviços. A amabilidade dos dirigentes britânicos foi inultrapassável, tendo-me oferecido vários folhetos, regulamentos e brochuras, que temos estudado.

Satisfeitos com as declarações do nosso interlocutor, ainda lhe perguntámos:

— No projecto não haverá qualquer inovação a que deseje referir-se especialmente?

— Coisas novas no Regulamento, a bem dizer, só a inclusão dos departamentos, entre os quais os dos consultores técnicos, chefes de interligação e de assistentes espirituais. São previstos ainda outros departamentos. No caso, por exemplo, dos consultores técnicos, haverá consultores escotistas, administrativos, pedagógicos, etc., a quem será pedido conselho sempre que a direcção precise prescrever certas medidas. Pensamos ter dentro em breve grande parte desta tarefa pronta e aprovada, e, para que se possa tirar do fruto deste trabalho algum proveito, temos em mente fazer com que sejam postos em execução imediatamente algumas dessas normas orgânicas, embora provisòriamente até aprovação definitiva.

Em 1952: Um acampamento da região de Lisboa com a presença de camaradas britânicos?

Agradecemos as informações que nos acabava de prestar o Sr. Eng.º Nobre Santos e perguntámos se havia já em mente outras realizações.

— Aproveitando a realização da Conferência de Dirigentes que contamos se reúna no próximo verão, — elucida-nos o nosso chefe geral, — esperamos levar a efeito um acampamento, não nacional, pois isso será sòmente em 1953, mas onde tomarão parte, além dos escoteiros da Região Centro, elementos de outras regiões, e, muito problemàticamente, como é de calcular, alguns escoteiros ingleses, para lhes podermos manifestar o nosso reconhecimento pela hospitalidade que dispensaram aos nossos rapazes...

É evidente que esta «caixa» constituiu para nós motivo de grande satisfação, porém isso sugeriu-nos outra pergunta:

O 40.º aniversário da Associação dos Escoteiros de Portugal será comemorado em 1953 com um Acampamento Nacional, para o qual se pensa convidar o C. N. E. e delegações de países estrangeiros.

— A A. E. P. não comemora no próximo ano o 40.º aniversário do escotismo em Portugal?

— Não faremos actividades especiais comemorativas desse acontecimento, tanto mais que, antes da fundação do Grupo n.º 1, já havia sido fundado em 1911 o grupo de Macau. Portanto, essas comemorações a fazerem-se não deviam sê-lo no próximo ano. Todavia, temos pensado comemorar em 1953 o 40.º aniversário da nossa Associação com um acampamento nacional, onde os escoteiros portugueses estariam representados em grande escala e a participação do C. N. E., que pensamos convidar. Talvez seja possível nessa ocasião convidar alguns países estrangeiros a enviarem-nos as suas delegações, é claro que em escala reduzida, em vista das nossas fracas possibilidades. Enfim, projectos que vamos arquitectando mas que só o futuro poderá dizer se podemos ou não concretizar.

E o nosso interlocutor terminou, dizendo:

— E é tudo o que posso dizer-lhe. Será possível fazer tudo quanto acabamos de lhe anunciar? Poderemos fazer algo mais? São perguntas a que, por ora, ninguém pode responder. Por nossa parte, confiantes, vamos empregar todos os nossos esforços para que possamos efectuar aquilo que todos nós desejamos.

Verdadeiramente reconhecidos

(Conclui na 4.ª página)

O «POW-WOW» DO VELHO LOBO

(Conclusão da 7.ª página)

profunda grossaria e deseducação; no entanto, poucos temos lutado contra isso. Se nós quisermos, meus rapazes, poderemos começar já hoje a remar contra a maré crescente. E por muito grossa que seja, ela jamais infundiu medo a um Escoteiro.

Procuremos, pois, pôr em prática, progressivamente, as normas e preceitos de que vos dei uma súmula atrás e não nos envergonhemos de o fazer, porque fazendo-o obedecemos ao imperativo da nossa consciência de homens e, assim, à Lei do Escoteiro. Sede vós os primeiros a dar exemplo, fazei-o com tenacidade e persistência, IMPONDE a vossa cortesia à descortesia geral, e estou certo de que dentro de alguns anos (os resultados são sempre lentos) se notarão bastantes modificações. Sobretudo tende a coragem da vossa vontade e procurai, sem vacilar, arrostar com a incompreensão ou à animosidade geral. Só assim se vence. Só assim podereis vencer.